

**A Incomunicabilidade e a Fluidez das Relações Amorosas em *Milamor*, de Livia Garcia-Roza**

**The Incommunicability and Fluidity of Relationships in *Milamor*, Livia Garcia-Roza**

Raquel Lenne Borges Gontijo<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Olívia Aparecida Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Analisar a incomunicabilidade, a solidão presente no ambiente familiar, a fluidez das relações amorosas e o amor feminino na terceira idade na obra *Milamor*, de Livia Garcia-Roza, é a pretensão dessa pesquisa. Com várias obras publicadas, suas narrativas tratam, sobretudo, das relações familiares. Suas personagens femininas, em diferentes idades, estão sempre refletindo sobre o amor, ora lembrando as frustrações de amores rompidos, ora prontas para amar novamente; elas acreditam no amor. *Milamor* é uma obra que traz uma narradora-personagem que depois de ter passado por dois casamentos e na terceira idade não desiste do amor. Apaixona-se por Alencar e sua vida passa a girar em torno da conquista amorosa. Seus filhos voltam-se para suas individualidades, deixando-a cada vez mais solitária. Para romper com o silêncio, transforma suas samambaias em confidentes.

**Palavras-Chave:** Literatura Brasileira; Incomunicabilidade; Amor.

**Abstract:** To analyse the incommunicability, loneliness present in the family environment, the fluidity of relationships and female love in old age in *Milamor* work, by Livia Garcia-Roza, is the intention of this research. With several published works, her narratives deal especially with family relationships. Her female characters at different ages are always reflecting on love, remembering the frustration of broken loves, now ready to love again; they believe in love. *Milamor* is a work that brings a narrator-character who after having gone through two marriages and is elderly does not give up the love. She falls in love with Alencar and her life begins to revolve around the amorous conquest. Her children turn to their individuality, leaving it increasingly lonely. To break the silence, she turns to her ferns as her own confidants.

**Key-words:** Brazilian Literature; Incommunicability; Love.

**Submetido em 10 de julho de 2016.**

**Aprovado em 20 de setembro de 2016.**

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins/ Campus de Porto Nacional. E-mail: raquellenne7@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins/ Campus de Porto Nacional, Doutora em Literatura Brasileira. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br.

## Introdução

A presente pesquisa tem como objeto de discussão a obra *Milamor*, de Livia Garcia-Roza, observando a presença da solidão, da incomunicabilidade entre as pessoas, as mudanças em relação à estrutura familiar e às afetivas envolvendo a mulher contemporânea.

Ocupando um lugar relevante na narrativa contemporânea, Livia Garcia-Roza estreou na literatura em 1995, com o romance *Quarto de menina* (obteve selo altamente recomendável concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- (FNLIJ)). Publicou romances, contos e novelas infanto-juvenis. A autora evidencia em suas obras um modelo de sociedade opressiva e sem possibilidades viáveis, onde os casais e as famílias vivem quase sem comunicação.

Observa-se em suas narrativas a desconstrução familiar presente na contemporaneidade, contrapondo-se ao modelo tradicional; as cenas nos romances e nos contos discutem a relação afetiva entre os componentes familiares, a incomunicabilidade entre eles provocando o distanciamento e os desajustes no espaço doméstico. O amor e a solidão são temas recorrentes em sua obra. Suas protagonistas são mulheres em diferentes idades e acreditam no amor, mesmo tendo passado por situações de desencontros e decepções.

Em *Milamor*, a protagonista é uma mulher solitária que mora com a filha após o falecimento do seu segundo marido, Haroldo, e está sempre sozinha, pois Maria Inês é uma mulher bem sucedida dedicada ao trabalho e não tem tempo para a mãe. Ao chegar a casa, se tranca no quarto ou sai com os amigos e não possibilita à mãe algum tipo de diálogo: “minha filha trabalha o dia inteiro e quando termina o expediente emenda na noite com os colegas. Conversar comigo é raro”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 08).

Observa-se que a proximidade entre ambas é apenas espacial. A representação ficcional do relacionamento familiar contemporâneo é problematizada, refletindo a afetividade entre mãe/pai e filhos superficial e frágil. Tal afirmativa pode ser constatada a partir de determinadas atitudes. Elas são pensadas sem levar em conta o aspecto afetivo/emocional, restringem-se às questões materiais. A preocupação de Maria Inês em relação à mãe está voltada para o conforto físico; deseja que ela esteja bem instalada no apartamento; seu dinheiro é administrado para não ter preocupações. Maria Inês compreende que a idade de sua mãe inspira esses cuidados e eles podem ser resolvidos

com a contratação de uma faxineira para limpar o apartamento e pelo office-boy que vai ao banco retirar o dinheiro da pensão.

De certa forma, sua solidão é amenizada, pois Maria tem amigas com as quais se comunica, mas para se livrar do tédio e a solidão, entre as quatro paredes do apartamento, passa o dia conversando com as suas companheiras, as samambaias, ouvintes fieis. “Na verdade, aqui no alto, moramos eu e as samambaias, com quem troco ideias diárias”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 08). Assim, as samambaias tornam-se suas confidentes.

No que se refere ao lado afetivo, a protagonista narradora, Maria, descobre que é possível amar ao adentrar na temida terceira idade. A protagonista se apaixona por Alencar que é recém-viúvo. A paixão foi súbita e tornou-se sua aliada contra o tédio, a melancolia e a tristeza por se sentir sozinha.

Minha vida jazia numa poltrona. A única coisa boa era o tempo disponível para a leitura. Eu lia um romance atrás do outro. De resto, a vida era uma imensa monotonia, uma chatice inominável, não fosse à surpresa recente. Um clarão em meio à neblina. Um farol ao crepúsculo. Perco o ar só de pensar nisso. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 11).

Metaforicamente o amor surge iluminando uma vida ofuscada pelo difuso. Tal perspectiva está ligada à maturidade feminina que ao envelhecer lhe é negada a possibilidade de realização amorosa. É importante observar que a representação do amor feminino na terceira idade é uma temática pouco discutida pela literatura brasileira, diferente da representação masculina. Compreende-se, então, a existência do preconceito, a mulher não tem direito ao amor quando chega a idade “crepuscular”.

O motivo de Maria não compartilhar com sua filha o despertar do sentimento amoroso que nutre por Alencar, justifica-se pelo receio de ser ridicularizada por ela. A paixão é vista como um sentimento para ser cultivado na juventude e com o passar do tempo à mulher deveria dedicar-se a outros sentimentos mais virtuosos e compatíveis com a sua maturidade. Percebe-se esse discurso nas palavras de Maria Inês em dado momento na narrativa, posicionando-se de forma deliberadamente preconceituosa ao referir-se ao amor vivido por mulheres na idade madura. “Eu, sonhando com uma vida nova, e minha filha querendo me envelhecer a força!” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 63).

Sempre aberta a novas experiências, Maria não consegue compreender o amadurecimento como fim de desejos e sonhos. É uma mulher moderna que deseja

viver um novo amor e não se prende ao modelo familiar tradicional que determina a obrigação da mãe acima de qualquer desejo voltado para sua realização pessoal. Ironicamente, mais jovem e na condição de filha, Maria Inês se nega a aceitar a paixão da mãe pelo viúvo Alencar. Tal posicionamento é evidenciado na narrativa, quando ela leva para o apartamento João Batista, seu novo “namorado? Amigo? Amante? O amor perdeu seu nome” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 63). Ele era considerado um “cara legal” por Maria. No decorrer do encontro e o estabelecimento de diálogo, João pergunta a protagonista narradora se ela não se casou novamente após ficar viúva, mas quem responde é Maria Inês:

- \_\_\_ Depois a senhora não quis refazer sua vida? \_\_Continuou João.
- \_\_\_ Mamãe casou com Haroldo, esqueceu que eu te contei baby?
- \_\_\_ Não... Estou perguntando depois de sua mãe ter ficado viúva...
- \_\_\_ Com a idade que está? \_\_ disse ela.
- \_\_\_ Tive uma tia que se casou com a idade de sua mãe. Mais um, a saber, a minha idade.
- \_\_\_ Até que enfim, comida!\_\_ Maria Inês tilintou o garfo no copo.
- \_\_\_Mas é uma gagá light, essa sua tia, baby... Porque está tão quieta, mãe?
- \_\_\_ Pensando no que estão dizendo.
- \_\_\_ Mas nem passa pela sua cabeça fazer uma coisa dessas, né?
- \_\_\_ Qual?
- \_\_\_ Da tia aí do João.
- \_\_\_ Pensar, pensa-se em tudo, Maria Inês. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 77).

O diálogo estabelecido entre Maria Inês, o “namorado” e a mãe é um momento único no desenrolar da narrativa, pois raramente ela tem tempo; vive no seu mundo, Maria contenta-se em vê-la entrando e saindo, dirigindo-lhe palavras limitadas.

São essas reflexões que serão aprofundadas no decorrer da presente pesquisa, levando-se em conta questões presentes na narrativa contemporânea da qual Livia Garcia-Roza é uma das representantes.

### **1. A mulher e a maturidade**

Em *Milamor*, de Livia Garcia-Roza, é predominante o universo feminino. Traz como narradora uma personagem que busca imprimir discursivamente reflexões sobre questões internas que envolvem os conflitos familiares, amorosos, a nova estrutura familiar e aspectos externos ligados ao seu ser e estar no mundo.

A intenção de protagonizar o universo feminino não se restringe apenas a *Milamor*, mas se estende aos demais romances cujas personagens femininas apresentam faixas etárias diversas, representando problemáticas familiares existentes no mundo

atual, envolvendo pais e filhos. Observa-se que a família hoje possui uma composição que se distancia da consagrada família tradicional, estruturalmente composta pelo marido, mulher e filhos. Contemporaneamente, as relações são fluídas, instáveis e abertas, tendo filhos criados pela mãe, como é o caso da família de Maria, ou pelo pai. No entrelaçar dos conflitos, sobressai o amor, os seus encontros e desencontros. Na maturidade, a mulher é apresentada resistindo ao isolamento, buscando alternativas de driblar a solidão, dar sentido à vida, atenta ao seu entorno.

É importante comentar que suas narrativas apresentam-se fragmentadas, com uma linguagem leve, utilizando-se, em raros momentos, de palavras chulas, expressões coloquiais e está sempre compartilhando comentários com os seus prováveis leitores. “Depois voltarei a falar sobre isso”. Algumas vezes não retoma o mesmo pensamento; outras vezes recupera algumas lembranças que permitem informações que esclarecem o seu passado e são importantes para a compreensão, por parte do leitor, de certas atitudes no presente.

Em se tratando do amor, a obra traz uma abordagem ampla sobre o relacionamento afetivo na terceira idade. A narradora-protagonista apaixonou-se, parece ser correspondida, mas aos olhos da filha, Maria Inês, ela está “gagá”, portanto não é mais possível pensar ou viver um grande amor na maturidade.

Desta forma, *Milamor* é uma obra que surpreende por representar problemáticas contemporâneas, tendo como temática central a mulher e a sua busca de realização amorosa. Observam-se, também, reflexões sobre a incomunicabilidade entre pessoas ligadas afetivamente e que compartilham espaços comuns, no âmbito familiar, verificável em relação às personagens Maria e sua filha, Maria Inês. Tal fato contribui para o recolhimento interior e o distanciamento entre pessoas que deveriam ser próximas e cúmplices. Esse distanciamento, aparentemente não intencional e natural, proporciona o sentimento de solidão que traz a tona um passado que se presentifica no cotidiano através de imagens. Lembrar significa reviver circunstâncias favoráveis e saudosas ou negativas que estimulam a melancolia, muito comum nas pessoas quando envelhecem, pois ao deixarem de ser uma força produtiva, ocupam o tempo com reflexões geralmente sobre o passado, revivendo-o.

Por ser uma narrativa em primeira pessoa, a estória nos passa a ilusão de ser crível, pois é a narradora que vivencia os acontecimentos e faz o relato aos seus prováveis leitores.

## 2. A solidão, o amor e a incomunicabilidade.

O comportamento feminino no âmbito do cotidiano doméstico e familiar, suas perspectivas diante da vida e como reage nas circunstâncias de conflitos, devido a interesses opostos, são aspectos que se entrelaçam no discurso narrativo, em *Milamor*, sobretudo, através de sua narradora-personagem.

A família da protagonista Maria, incluindo ela, passa por dilemas inerentes ao homem na era pós-moderna. Observa-se que as relações se tornam enfraquecidas, pois é privilegiada a individualidade, tornando as pessoas cada vez mais isoladas no seu mundo particular e exigindo o direito à privacidade.

A narrativa estrutura-se nos seguintes tempos: o presente, o passado distante, um passado mais próximo e algumas alusões ao futuro. Para tanto, a protagonista- narradora recorre à memória recuperando imagens do passado, vivenciadas por ela em companhia de seu pai, de sua mãe, de sua melhor amiga, Milamor, e do grande amor de sua vida, pai de seus dois filhos: Vitor e Maria Inês. A suas lembranças são recorrentes e refletem no presente, devido à solidão e a falta de algo que lhe preencha o vazio existencial.

A solidão a acompanha desde criança. Filha única de um casal de alemães cuja mãe morre ainda jovem, ela fica praticamente sozinha, pois o pai saía para o trabalho. Assim, ela só se relacionava com um número restrito de pessoas. Segundo suas reflexões, ela não teve a oportunidade de conhecer tios, tias, avós, primos, o restante da família que morava na Alemanha. Maria sonhava em brincar com os primos, correndo e todos a chamando pelo nome.

Eu não gostava de ser filha única, mas também não sei como seria se tivesse irmãos e, além disso, foi difícil ter pais estrangeiros, que só se relacionavam com as pessoas da colônia. Quantas tias, todas tortas, e nenhuma verdadeira. Sonhei várias vezes com primos chegando em nossa casa. Todos da minha idade. Para se chegar onde morávamos era preciso subir uma ladeira, emparedada de muro de pedra até o alto dela, onde ficava a casa. A pé as crianças do meu sonho corriam ladeira acima, brincando, chamando pelo meu nome. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 37).

A infância povoada de desejos não realizáveis torna-se mais dramática com a perda da mãe quando ainda era bem pequena. Devido à doença da mãe, seus contatos com ela eram complexos: “sempre tive medo de mamãe, porque, às vezes, ela trincava os dentes e me puxava pelo cabelo, sem dizer nada”. (GARCIA-ROZA, 2008 p. 91). Mas, mesmo sem receber carinho e afeto Maria sentiu muito a ausência materna. Depois

da morte da mãe, Maria passou a morar na casa com o pai. Lá fora, no quintal, as mangueiras que davam mangas e deixavam a casa com o cheiro delas. Nesse momento, a narrativa torna-se melancólica e a autora recorre a certo lirismo.

Milamor é o apelido que Maria dá a sua melhor amiga que na realidade se chama Dolores, a protagonista ouvia a mãe de sua amiga chamá-la, e entendia milamor ao invés de meu amor. A protagonista-narradora se agarrava a sua única amiga, elas brincavam sempre, após Maria chegar da escola. Por não ter ninguém que cuidasse dela enquanto o pai trabalhava, ela tinha que ficar com os vizinhos. Dolores tinha um irmãozinho, que era um bebê dom Pedrito, o bagunceiro da casa, era o nome que todos o chamavam, “ele ria e babava, e se sujava todo para comer.” (GARCIA- ROZA, 2008, p. 92).

Percebe-se, através do relato de Maria, que ela se sentia feliz, pois tinha uma amiga para diminuir a solidão e a tristeza, em virtude da ausência materna e paterna. O pai passava o dia fora, pois trabalhava. Sua alegria, pela presença da amiga, no entanto, não foi duradoura. Dolores vai embora com sua família e Maria não tem mais ninguém para brincar e que pudesse cuidar dela enquanto o pai estava no trabalho. Sem alternativa, restava-lhe conviver com a solidão, a casa a acolhia e a protegia dos perigos da rua.

Depois que a família de Dolores se mudou, levando-a com eles, eu passei a vir do colégio direto pra casa. Não parava para falar com ninguém, não virava a cabeça quando me chamavam, ou escutava assobio, e subia a ladeira, reto até chegar a casa. Mesmo se eu encontrasse um cachorrinho pelo caminho não podia me abaixar para brincar com ele. E se eu visse algum conhecido, devia fingir não ter visto. Meu pai não deixava. E ao entrar em casa, tinha que trancar a porta e não podia atender ao telefone. A casa tomava conta de mim, ele dizia. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 123).

Na adolescência conheceu o amor, Paulo, e com ele teve dois filhos: Vitor, o mais velho, e Maria Inês, a caçula. Viveram juntos por alguns anos, mas o casamento não durou muito tempo e a separação foi traumática. Restou-lhe novamente a solidão e a responsabilidade de cuidar dos dois filhos, frutos do casamento, sozinha.

Maria tinha uma dependência muito forte, em relação ao primeiro marido, pois ela colocava as suas esperanças e desejos nessa união. Paulo, após o falecimento do pai de Maria, era a única pessoa com a qual ela poderia contar. Segundo Bauman, não devemos colocar expectativas em relação ao futuro: “não se sabe o que está pela frente e o que o futuro pode trazer”. (BAUMAN, 2004, p.23). De repente, Maria perdera sua

referência familiar, ela era a única sobrevivente, seu pai deixara apenas lembranças. Foi a partir desse momento que ela se tornou prisioneira do amor que nutria por Paulo, uma dependência que ia além do desejo, ele representava família e segurança. Esta expectativa fica nítida na obra, quando Paulo se prepara para deixá-la.

Paulo, nós somos a sua família. Eu estava de camisola, diante da porta do escritório dele, na nossa casa. Paulo sempre precisou de um canto só para ele. No pior momento que atravessei na vida, ele fazia a mala para nos deixar. A mim e às crianças, que, nessa hora, dormiam. Minhas lágrimas escorriam em direção à boca, tentando adoçá-la. Tornei a ver o infinito despenhadeiro da minha infância. O grande escuro que a rodeava, quando mamãe saía, e eu tinha medo de que ela não voltasse. Não vai embora, Paulo, por favor... Tentei me abraçar a ele, mas Paulo se esquivou de mim, continuando a arrumar a mala. Nós te amamos, ouviu o que eu disse? Ele me olhava com olhos frios; balançou a cabeça para mostrar que tinha escutado. Eu não sei viver sem você... O que vai ser de nós... De mim e das crianças?... Você foi o único homem que eu amei em toda a vida... (GARCIA-ROZA, 2008, p.44).

Suas palavras não comovem Paulo, nem o destitui da ideia de ir embora a deixando com os filhos ainda pequenos. Esse momento a faz reviver o passado e as perdas familiares. O amor dedicado a Paulo não era suficiente para ambos. Segundo Rougemont, “se não for recíproco, o amor não é considerado um verdadeiro amor” (ROUGEMONT, 1988, p.44). Na relação, apenas Maria amava. Paulo, como se observa, deixou de amá-la. Seus sentimentos, com o passar dos tempos, tornaram-se vulneráveis.

Na narrativa, essa fluidez em relação aos sentimentos amorosos também está representada nas relações vividas por Maria Inês, filha de ambos. Ela tem envolvimento temporários, não consegue estabelecer uma união duradoura. Vitor também tem uma relação conturbada com a primeira mulher Telma, para enfim separar-se dela, trocando-a por outra. O amor só é possível quando inspira desejo e cumplicidade.

Depois da separação traumática, Maria conhece Haroldo e casa-se. Era um homem tranquilo e pacato; a relação não havia amor por parte dela, mas companheirismo. “Nem no amor nem na morte pode-se penetrar duas vezes - menos ainda que no rio de Heráclito”. “Eles são na verdade, suas próprias cabeças e seus próprios rabos, dispensando e descartando todos os outros.” (BAUMAN, 2004, p.17).

Maria não aprendeu amar Haroldo, homem gentil que esteve ao seu lado auxiliando-a na criação de seus dois filhos, pois ainda sentia-se vinculada a Paulo,



nutria amores por ele. Segundo Bauman, o caminho do amor é o mesmo da morte, ambos não se podem adentrar mais de uma vez. (BAUMAN, 2004, p.17).

Sem notícias de Paulo durante anos a fio, sabia apenas que depositava o dinheiro que era destinado aos filhos, até ser surpreendida quando Vitor a informa que “o pai havia procurado manter contato entre eles”. Ao saber do reaparecimento de Paulo, Maria não manifesta interesse, pois mesmo estando viúva de Haroldo, ela tem seus sentidos e o coração flechados por Eros, apaixona-se por Alencar.

De acordo com Paz,

[a] atração que experimentam os amantes é involuntária, nasce de um magnetismo secreto e todo-poderoso; ao mesmo tempo, é uma escolha. Predestinação e escolha, os poderes objetivos e os subjetivos, o destino e a liberdade se- cruzam no amor. O território do amor é um espaço imantado pelo encontro de duas pessoas. (PAZ, 1994, p. 35).

Percebe-se, inicialmente, apenas Maria com os desejos e sentidos voltados para Alencar desde o primeiro momento que o avistou:

bastou um olhar de relance para o tal senhor, para que eu fosse arremetida à região dos sonhos. Que estampa de homem! Não saberia dizer ao certo o que se passou. Me envergonha estar contando essas coisas. Mas aconteceu. Uma luz. Um facho. Uma fulguração. Que não mais cessou de expandir seus raios cintilantes. Passei a ter sonhos turbulentos com o homem que eu havia visto apenas uma vez. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 11).

Conforme se observa no fragmento acima, Maria encanta-se por Alencar e vive imaginando a aproximação de ambos. “A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético”. (PAZ, 1994, p.12). Durante as cenas posteriores, há uma busca por saber detalhes de sua vida e formas de estabelecer contato. Mesmo não percebendo reciprocidade, Maria achou maravilhoso ter “ficado fora do prumo” e define como uma “experiência devastadora”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 12).

Os dias passam e Maria consegue encontrar uma relação de parentesco e aproximação com Alencar. Só então tem conhecimento que ele também é viúvo e parece estar interessado por ela. Após Maria conhecer o viúvo, ela investe na produção do corpo e do espírito, na esperança de ter uma relação mais íntima com o futuro pretendente. Sente-se rejuvenescida, se olha no espelho e desperta para a vida; a idade madura em nenhum momento torna-se entrave para “ir à luta”, seu sangue corre-lhe novamente pelas veias de forma agitada. Segundo Paz, “Sexo, erotismo e amor são

aspectos do mesmo fenômeno, manifestações do que chamamos vida.” (PAZ, 1994, p.15).

A incomunicabilidade tão presente na relação dela com sua filha, Maria Inês, já não a faz sofrer, a solidão parece ceder. Os problemas familiares, decorrentes da separação de Vitor, parece não afetar seus ânimos, apenas a proximidade física com Alencar a “abala”, no momento.

Há grande expectativa e à quase sessenta anos ela voltou a ser sonhadora e até esqueceu-se dos netos. Alencar dá sinais de compartilhar, com menos intensidade, os sentimentos nutridos por Maria, mas há uma indicação que sua timidez o impede de expressar mais vivamente qualquer sentimento. No entanto, está sempre aberto para os encontros planejados por Maria. Ao final, a narrativa contempla o seu provável leitor com a possibilidade de uma interpretação aberta.

### **Considerações finais**

Em *Milamor*, Livia Garcia-Roza, busca instigar seus prováveis leitores a refletir sobre as questões contemporâneas. Suas personagens são representadas sob a perspectiva feminina. A maioria de suas protagonistas mostra um mundo de afetos desfeitos causando dores e dramas existenciais. Pode-se observar, ainda, que a mulher, apesar das decepções amorosas, da maternidade assumida sozinha, acredita no amor e na possibilidade da felicidade em uma relação amorosa. A incomunicabilidade, a solidão, a estrutura familiar, que se diferencia da tradicional, também são temas presentes em *Milamor*, compondo, assim, um esboço da complexidade da vida contemporânea.

As personagens femininas que se apresentam no decorrer da narrativa são mulheres que têm autonomia financeira e se posicionam diante da vida com desprendimento. Maria não hesita em convidar Alencar para um chá a dois. Não se intimida em dar um passo a frente para mostrar que está interessada em desfrutar de momentos a dois, com uma boa conversa, tomando um chá, café, ou simplesmente ficarem juntos. Percebe-se, assim, que a autora busca representar a mulher contemporânea que sem medo de parecer ridícula investe na aventura amorosa.

Maria aos quase sessenta anos tem os mesmos arroubos de uma adolescente; ou como qualquer outra mulher diante do desejo, que, ao ser despertada pela flecha de

Eros, tem sonhos e devaneios com o homem amado. Ao tentar aproximação com Alencar, não consegue esconder os sentimentos que nutre por ele.

### **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GARCIA-ROZA, Livia. *Milamor*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PAZ, Octávio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.